

Quem, Onde e Quando? O que nos dizem os encalhes do boto-cinza *Sotalia guianensis* no sul do Estuário Amazônico

Greicy F. Ruenes^{1*}, Maíra Laeta², Larissa R. Oliveira³, Renata Emin-Lima⁴, Salvatore Siciliano⁵

1. Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Rio de Janeiro; 2. Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ/MN, Rio de Janeiro; 3. Laboratório de Ecologia de Mamíferos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, Rio Grande do Sul; 4. Museu Paraense Emílio Goeldi, Pará; 5. Laboratório de Enterobactérias, Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.

*Email:greyrueenes@gmail.com

O boto-cinza (*Sotalia guianensis*) é restrito a baías, estuários e áreas costeiras rasas da região tropical do Atlântico Ocidental, com uma distribuição que se estende de Santa Catarina (Brasil), na América do Sul, à Nicarágua, na América Central. Dentro do estuário Amazônico (litoral norte do Brasil), o boto-cinza é um dos cetáceos mais afetados pela morte acidental em redes de pesca e, conseqüentemente, uma das espécies que com maior frequência encalha na região. Este estudo constitui uma abordagem preliminar aos registros de encalhe do boto-cinza na Baía de Marajó e no litoral do Pará, região sul do estuário amazônico. Nessas localidades, o Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos da Amazônia (GEMAM) registrou regularmente a ocorrência de eventos de encalhe a cada duas semanas entre os anos 2005 e 2016. Para a caracterização foram analisadas a frequência anual dos encalhes, e suas variações sazonais com base nas estações locais de chuva (dezembro - maio) e de seca (junho - novembro). Além disso, para determinar composição etária dos indivíduos encalhados, a idade de 80 dos espécimes melhor conservados foi determinada por meio da contagem dos Grupos de Linhas de Crescimento (GLCs) depositados nos dentes. Durante os doze anos de monitoramento foram registrados 608 espécimes encalhados: 70 fêmeas, 71 machos e 467 de sexo desconhecido. Existiram diferenças no número de encalhes entre os anos, sendo o menor número registrado no ano 2016 (N = 18, Média = 3 ± 2 DP) e o maior no ano 2013 (N = 124, Média = 10 ± 6 DP). Foram observadas mudanças no padrão de sazonalidade dos encalhes ao longo dos anos. Em seis anos, uma grande proporção dos encalhes (56 - 70%) ocorreu na estação chuvosa, enquanto nos outros seis anos a estação seca apresentou os maiores valores (56 - 98%). A idade dos espécimes encalhados variou entre um e 35 anos (média = 12 ± 7 DP) e as idades mais frequentes foram 2 e 10 anos. As classes etárias menores de 15 anos incluíram 68% da amostra analisada, contendo apenas espécimes fisicamente imaturos. As mudanças na sazonalidade dos eventos de encalhe e o número elevado de espécimes jovens registrados, provavelmente estão relacionados à interação da espécie com atividade pesqueira e a modificações no esforço pesqueiro ao longo dos anos no estuário amazônico.

Palavras-chave: golfinho estuarino, encalhe, litoral amazônico

Instituição de fomento: CAPES, PPG Ecologia e Recursos Naturais-UENF